

## O caminho

Isto se passou quando eu estava trabalhando como ajudante do técnico alemão, o Dr. Von Tilling, que, na sua ocupação habitual de fazer pequenas barragens e de econômicas irrigações de várzeas, se achava então no Recife, depois de ter exercido a mesma atividade na África Oriental Alemã e na China.

Trabalhávamos, naquela ocasião, no engenho Araçu, muito distante da praia de São José da Coroa Grande, onde, na casa de Dona Lulu, nos hospedamos; tínhamos já feito trabalhos semelhantes no engenho Tentugal, que era muito mais perto dessa praia e para lá nos transportávamos, fácil e rapidamente, de automóvel.

Araçu, velho engenho que ainda possuía o açude e a levada do tempo em que era engenho d'água, que possuía ainda restos da calha da roda do velho engenho banhado pelo rio Persinunga: limite entre Pernambuco e Alagoas; Araçu atingíamos todos os dias, indo de automóvel, em boa estrada, até o engenho Queimadas, do Dr. Júlio Belo, e, de lá, a cavalo, até a casa-grande do engenho para onde nos dirigíamos e que ficava a pouca distância da igreja, pois era uma igreja e não uma simples capela, uma igreja com torre e com sinos, e não com sineira, como aparece nas capelas dos antigos engenhos. Tomávamos o automóvel muito cedo, percorríamos uma boa parte da estrada que vai da praia até a cidade de Barreiros, depois entrávamos à esquerda, em estrada mais estreita, para chegarmos a um ponto onde havia uma encruzilhada de três caminhos; tomávamos um deles e chegávamos ao cercado do Engenho Queimadas; ali já estavam nos esperando os cavalos que iam nos levar a Araçu.

O assunto dessa história se encontra exatamente no último dia que, aliás, se determinou, por ter sido nele que se deu o acidente de que foi vítima o Dr. Von Tilling.

O acidente que motivou o último dia de nossos afazeres em Araçu sucedeu logo depois que saímos do Engenho Queimadas; íamos a cavalo, como nos dias anteriores, pelo caminho que nos levava ao trabalho. Ia eu sempre na frente, usando a montaria mais usual entre nós; Von Tilling vinha sempre atrás, montando em estilo inglês; fazia o cavalo ir a trote e acompanhava a sua marcha apoiando-se nos estribos, subindo e descendo sobre a sela.

O Dr. Von Tilling montava, como eu, um cavalo xucro que não possuía o trote inglês adequado a esse tipo de montaria; as dificuldades aparecidas em pôr o cavalo em andadura conveniente, e a sua avançada idade (Von Tilling tinha quase setenta anos) fizeram-lhe perder o equilíbrio e ser atirado ao chão; aos seus gritos, deixei de prosseguir, apeei-me e fui ao seu encontro; ajudei-o a se acomodar novamente à sela e acompanhei-o de perto até a casa-grande do engenho, onde ficou repousando e gemendo. Deu-me ordem, entretanto, para que fosse continuar no campo o nivelamento que estava fazendo; ainda bem comecei a trabalhar quando me veio um aviso para voltar à casa e novamente ouvir o que queria de mim o engenheiro Von Tilling: encontrei-o com terríveis dores e pronto para voltar ao Recife, pois havia suspeita de fratura da clavícula. Iria num *trolley* de estrada de ferro que estava próximo a chegar; disse-me, porém, que continuasse a trabalhar até o fim do dia e voltasse a São José da Coroa Grande, de onde devia viajar, no dia seguinte, de volta ao escritório. Assim fiz. Às seis horas da tarde tomei o cavalo e dirigi-me a Queimadas, onde esperava encontrar o automóvel, como nos outros dias. Mas, o automóvel, com o atrapalho que surgiu, oriundo da queda do engenheiro, não foi enviado; pensei ir a cavalo até a praia, mas, indeciso se devia levá-lo tão distante, resolvi fazer a pé o trajeto do engenho Queimadas a São José da Coroa Grande.

Juntei a marmitta em que levava o almoço ao lugar de trabalho, as cadernetas de levantamento topográfico, o copo em que bebia mate, e outras coisas que desejava levar comigo; meti tudo

dentro de um saco, fazendo assim um matolão que pus às costas e parti em direção à porteira do cercado do engenho.

Atravessei a porteira, e continuei a caminhar ao longo do renque de grandes bambus que limitavam o cercado, e penetrei na estrada que devia me conduzir a São José.

Caminhava devagar, segurando a ponta do saco onde levava a marmita.

Começava a escurecer. Dentro da mata que orlava a estrada por onde ia, fui pensando: quando chegarei à praia? Certamente já com a noite fechada. Caminhava. Sentia alguma coisa que me vinha do chão, alguma coisa de novo para quem voltava a pé por um caminho, por um caminho que percorrera, de manhã, sentado num automóvel. Aquele chão me fazia recordar outros chãos por onde passei caminhando a pé. Outros chãos! Terras que me revelaram muitas coisas do barro e da areia, de esforço e de cansaço. Muita coisa de suspeita e de incerteza aquele caminho me lembrava. Mas, caminhava e refletia, meditava sobre estórias que já tinha lido; pensei que estava ali vivendo o que algures já tinha lido. Já tinha lido! Era a constatação de que a marcha do homem era o rodar de um fragmento de roda, a material verificação de que os pés, caminhando, descrevem no ar uma roda imaginária, com apenas visível um seu fragmento.

Eu rodava assim a minha roda, a minha marcha dentro daquele capão de mata sombria, com a aproximação da noite.

Por toda a parte, no ar, havia um silêncio duro e vazio, apenas quebrado melancolicamente, de vez em quando, pela voz de um coriambo. E a noite conduzia aquele silêncio. A noite era um túnel completo, cheio de silêncio, cheio, quase extravasando. Um mutismo apagado, murcho e mutilado que tivesse sido jogado no ar depois do canto de uma ária, como um silêncio nascendo, como uma gramínea crescendo no campo das últimas notas de um piano, das últimas notas, por exemplo, da “Marcha dos Confederados de David”, no *Carnaval* de Schumann.

Caminhando meu caminho e minha lembrança, cheguei à encruzilhada a que já aludi; não sei por quê, talvez por ali ter passado sempre de automóvel, não pude reconhecer o trajeto que por ele seguira todos os dias. Resolvi tomar agora à direita: assim avancei nessa direção para ver se acertava; notei, porém, que o chão era de areia frouxa, e de um lado e de outro surgiam grandes cajueiros, no momento já envolvidos na sombria espessura da noite; mas, na escassa luz que descia das estrelas, vi que era uma floresta dessas árvores frutíferas; via-se, através dos cajueiros que ficavam à margem da estrada, uma profundidade escura e fechada que penetrava no longe interior daquela floresta.

Caminhando... caminhando, lembrava, lembrava de outros caminhos, recordava outras marchas que fiz na areia frouxa, palmilhando ao longo de caatingas, ao longo de charnecas, ao longo de carrascais e tabuleiros, todos deixaram gravados nos meus pés uma história, que não sei bem como começa, nem como termina, e de que também já me esqueci, como esqueci os nomes dos rios que vi passar, as cobras que vi correr, as névoas que vi navegando entre colinas.

Caminhos que me fazem lembrar e esquecer, avançar e me conter, me achar e me perder, chegar e me despedir, me aproximar e me afastar, agitando a mão de adeus; caminhar, e despedir-se!

Ia naquela floresta como se percorresse o caminho em que Dante se perdeu; como se, no deserto, seguisse o passo das Caravanas; como se acompanhasse Jesus de Nazareth carregando a sua cruz para o Calvário. Ia, como se estivesse a caminho de Santiago de Compostela, caminho da Via-Láctea – ou seguisse a senda de São Nicolau de Bari, como se eu mesmo fosse um peregrino, que trouxesse em mim o espírito de Germain Nouveau; ou seguisse o roteiro dos tecelões e dos mercadores da Idade Média, que vinham do Oriente, ou o roteiro dos

caminhantes que vinham da China pelas longas estradas da seda, trazendo para os senhores feudais a beleza das artes chinesas. Os cajueiros, decerto, estavam já florindo, porque sentia o perfume das suas flores, que emanava da escura mata onde os galhos roçavam entre si, e um ruído propagava-se em toda a extensão da noite nela escondida e desconhecida. Procurei ajeitar melhor o meu matolão, porque começara a chover fininho; estava convencido de que ia por um caminho errado, mas insistia na mesma direção. À minha frente saltava um curiango ou noitibó, o pássaro que somente sai à noite, e ficava à beira das estradas olhando quem passava; em vez do pássaro poderia ser um sapo, poderia ser uma paca, poderia... Poderia ser uma onça. Veio-me um calafrio. A chuva fina continuava.

Depois de algum tempo de marcha, os cajueiros desapareceram, abriu-se no céu uma noite mais clara; notei, então, que no centro dessa claridade, a mais alguns metros de distância, estava uma porteira, uma cancela feita de paus rústicos, como se usava nos cercados, nos velhos engenhos de antigamente.

O aparecimento daquela porteira me surpreendeu, uma vez que nunca a tinha visto antes; dela me aproximei e observei a estrada mais além: estava toda coberta de água e cortava-a um manguezal; era água de maré crescente; era impossível prosseguir; não sabia eu, do lugar onde estava, a altura daquela água, pelo que afastei o meu primeiro pensamento de tirar o sapato; era possível que em algum ponto mais afastado da estrada não houvesse vau.

Recuei alguns passos e ainda me demorei olhando a noite que agora aparecia, depois da noite dos cajueiros, como a noite da maré, a noite da lama, a noite dos mangues.

O pensamento que me veio era a volta imediata; mas, se o caminho já foi caminhado, recoberto por meus passos, rodado pela minha roda! Voltar! Recompôr, reconstruir o caminho para poder passar; talvez até que, assim fazendo, ele se reconstrua, se recupere de outro modo, agora com a noite mais densa. Nessa minha volta fui notando como um caminho se desfazia, eu que o tinha construído na vinda estava assistindo como, pouco a pouco, se ia emaranhando sob meus pés; por toda a parte se abriam valetas quase intransponíveis, ou surgiam, por toda a parte, ervas daninhas, moitas de urtigas e de espinhos, por onde era difícil pisar. Tive a impressão de que o primeiro caminho tinha morrido. O trato da areia frouxa por onde viera, desaparecera, se enchera de mato, se alargara de mar. Se apagara. Morrera. Os cajueiros agitados por fortes ventanias, espalhavam sobre o morto caminho suas folhas secas.

O sol, que descera no horizonte, era como se tivesse se extinguido para sempre, e tudo de agora em diante seria noite e caminho. Ia pensando em outras veredas, dentro daquela noite eterna, outras sendas que me prenderiam pelos pés, agarrando-me com areias ou grammas secas; que me prendiam, que não me deixavam seguir como se na sua atitude houvesse uma voz, um chamado da terra. E em mim sobrevinha uma vontade de dormir. Mas neste, por onde eu seguia, havia coisas mais estranhas, era como se o espaço ali estivesse agora invertido e o tempo o acompanhasse nessa descida. Parecia-me que tudo se modificara, a areia que eu vinha pisando não era a mesma, dos cajueiros me chegava um murmúrio surdo de qualquer segredo mantido por alguém que vinha, sem que eu soubesse, me acompanhando. Não tinha outro meio: era continuar e voltar, continuar e descer. Lembrei-me de outros caminhos, em outros países, trilhados não somente por mim, mas onde me sentia acompanhado, ou apenas tendo sido um viajante posterior a outras passagens. Outros caminhos, outras paisagens. Nesse em que ia, tudo se modificara, tudo tinha se transformado, não somente o campo em que pisava, como a paisagem, reproduziam os que já foram vistos e vividos.

Bruscamente, o chão começou a se mover, valas se abriram e todo o dorso do caminho ondulava encachoeirado; me sentia deslizando nas águas de um solo incerto, tinha receio de cair, mas ia acompanhando, com a vista, as margens da trilha por onde viera; vereda, chão que se desfazia, e agora não mais me conduzia, antes me perseguia; não havia mais cajueiros nas

suas margens, e, assim, sucessivas paisagens se iam reproduzindo: partidos de canas, charnecas, carrascais, viveiros, manguezais; mas a noite era a mesma e o caminho era o mesmo. Com o subir e descer do seu lombo dava a impressão, não tanto de um rio, e sim de um fragmento de mar, de um refluxo de maré cheia como o que se via da porteira de onde tinha voltado.

Com aquele resvalar, às vezes rápido, às vezes preguiçoso, o curso d'água em que se transformou o caminho, ia aos poucos ondulando, oscilando.

Subitamente o caminho que era rio, fragmento de mar, pedaços de ondas, evoluindo numa paisagem irreal, se transformara numa ladeira que subia, me arrastando, e voltava a ser planície, para novamente ser ladeira, descendo.

Além disso, em vez de areia frouxa, se fez rocha dura e, nesse caminho de pedra, uma água também, escorregadia, toda aquela trilha se tornara um descaminho. Por fim, consegui chegar à encruzilhada dos três caminhos ou de todos os caminhos; os que eu tinha já visto e trilhado e os que outros também seguiram; consegui livrar-me daquele misterioso descaminho e cheguei à estrada que vinha da cidade de Barreiros em direção do mar; tudo agora era firme e seguro, definido e imutável, justo e concluído. Cheguei à estrada que me levou, já tarde da noite, à casa em que eu e o meu chefe Von Tilling nos hospedamos, na praia de São José da Coroa Grande.